

PREFÁCIO*

Capitalismo dependente, racismo estrutural e educação brasileira: diálogos com Florestan Fernandes é uma importante contribuição para o conhecimento das terríveis contradições que pulsam no ventre da sociedade brasileira. Tendo como denominador comum a reflexão crítica sobre as especificidades do capitalismo dependente e seus reflexos na luta de classes, a obra mostra os nexos orgânicos entre capitalismo dependente, contrarrevolução permanente, segregação social, racismo estrutural e colonialismo cultural como elementos constitutivos da dominação burguesa no Brasil. O desdobramento dos capítulos põe em evidência suas formas de manifestação contemporâneas, explicitando a relação entre reversão neocolonial, acirramento de formas fascistóides de poder político, recrudescimento das desigualdades sociais, guerra aos pobres, encarceramento em massa da juventude negra, escalada da mercantilização dos serviços públicos e ataques sistemáticos à educação pública de uma maneira geral e à universidade pública em particular.

Organizado pela professora Kátia Lima, o livro condensa a reflexão de dezesseis docentes e estudantes da graduação e pós-graduação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Serviço Social – GEPESS – da Escola Social da Universidade Federal Fluminense. Longe do academicismo estéril, que transforma a atividade intelectual em um fim em si mesma, o trabalho foi concebido como uma "peça de combate". Escrito por intelectuais orgânicos engajados em diferentes trincheiras da luta de classes, a obra é uma corajosa resposta às forças reacionárias que procuram cercear o pensamento crítico e intimidar a luta dos trabalhadores contra a barbárie capitalista. Contra a ignorância e a truculência a serviço dos lucros e de privilégios aberrantes de uma burguesia que rompeu definitivamente todos os nexos morais com as classes subalternas, os pesquisadores do GEPESS respondem com a intransigência da crítica e a luta coletiva em prol da igualdade substantiva – único caminho capaz de salvar a universidade pública e colocá-la a serviço dos trabalhadores brasileiros.

Embora cada capítulo seja produto de projetos de pesquisa individuais, com sensibilidades teóricas e metodológicas próprias, não se trata de uma compilação de reflexões estanques e desconexas. Pelo contrário. Capitalismo dependente, racismo estrutural e educação brasileira: diálogos com Florestan é uma reflexão coletiva, organizada em função de uma cuidadosa divisão intelectual do trabalho. As partes integram-se ao todo. A perspectiva de classe e a referência

*DOI-10.29388/978-65-86678-36-9-0-f.11-14

às reflexões de Florestan Fernandes estabelecem a base metodológica comum. Os capítulos dialogam entre si e se desdobram em um leque de questões que reforçam e enriquecem a tese central que permeia todos os trabalhos, cuja essência pode ser sintetizada da seguinte forma: o sentido do movimento histórico aponta de maneira clara e inequívoca para o alarmante recrudescimento do caráter antissocial, antinacional e antidemocrático do capitalismo brasileiro.

No aniversário de 100 anos de seu nascimento, Florestan Fernandes não poderia ter recebido mais bela e genuína homenagem. Longe dos salamaleques de salão, seu legado é reivindicado como força viva que se projeta para a luta de classes. Os autores não estão em busca de brilho compensatório para suas carreiras acadêmicas. Não se trata tampouco de requestrar as conhecidas teses do maior sociólogo brasileiro sobre a dificuldade de combinar acumulação de capital, democracia e soberania nacional na periferia do capitalismo. Florestan Fernandes é convocado como um exemplo de intelectual comprometido com os interesses das classes trabalhadoras e sua reflexão é estudada como um meio de afiar a arma da crítica. O objetivo último é contribuir para a "análise concreta de uma situação concreta". Sem a compreensão da especificidade do momento histórico e das tendências efetivas da luta de classes é impossível ir além de uma práxis política reativa e defensiva que fica circunscrita ao circuito fechado da miséria do possível.

O resgate do pensamento que vai além da superfície e explicita as contradições que impulsionam a luta de classes é oportuno, pois o impacto devastador da globalização dos negócios sobre as sociedades nacionais que vivem no elo fraco do sistema capitalista mundial produz novas formas de exploração e dominação que precisam ser decifradas e combatidas. A crise terminal da industrialização por substituição de importações, a ruptura dos mecanismos de classificação social associados à elevada capacidade da economia brasileira de gerar empregos e o fim da União Soviética e, como consequência, da política imperialista de fomentar a presença de burguesias relativamente fortes em pontos estratégicos da periferia do globo corroeram as bases objetivas e subjetivas do padrão de dominação burguesa instalado na ditadura militar e institucionalizado na Nova República.

Ao solapar as premissas históricas que sustentavam o Estado autocrático burguês, o capitalismo do nosso tempo libera demônios que exacerbam o abismo entre as classes sociais e comprometem irremediavelmente a autonomia relativa do capitalismo dependente. A solução liberal para a crise do padrão de acumulação – que só serve ao grande capital – exige o rebaixamento sistemático

do nível tradicional de vida dos trabalhadores e o progressivo comprometimento da capacidade do Estado de conceber e implementar políticas públicas. Assim, a especialização regressiva da economia brasileira na divisão internacional do trabalho leva o conflito social ao paroxismo. A possibilidade cada vez mais iminente de uma erupção social obriga a burguesia a buscar novas formas de revitalizar a contrarrevolução permanente - único meio de que dispõe para conter a ira das classes subalternas.

Sem se intimidarem com o obscurantismo que ameaça o pensamento crítico, os pesquisadores do GEPESS não tiveram medo de pegar o touro à unha e desnudar aspectos estratégicos das novas formas de opressão e dominação burguesa. Trata-se de um aporte substantivo para o entendimento dos desafios de nosso tempo. Escrito com a razão e o coração de intelectuais orgânicos das classes subalternas, *Capitalismo dependente, racismo estrutural e educação brasileira: diálogos com Florestan Fernandes* é um livro ímpar que deve ser estudado e debatido por todos que queiram compreender as formas modernas do racismo estrutural e do colonialismo cultural.

Plínio de Arruda Sampaio Jr.
Outubro, 2020.